



MEDICINA TRADICIONAL: SABERES E PRÁTICAS ANCESTRAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE¹

GOMES, Laura Barroso²;

2 Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, laura@redemg.org.br

RESUMO

A medicina tradicional protagonizada por mulheres raizeiras, benzedadeiras e parteiras é fundamentada em espiritualidade, solidariedade e ancestralidade. Essas mulheres cuidam de suas famílias e comunidades, e geralmente também assumem os trabalhos domésticos e o cuidado de sistemas agroalimentares. Em regiões metropolitanas, elas colhem em seus quintais produtivos uma diversidade de plantas para alimentar suas famílias, produzir remédios caseiros, benzer, vender, trocar e doar. Elas também coletam plantas de matas próximas a suas casas. Suas práticas estão sendo ameaçadas por grandes empreendimentos que destroem os territórios e inviabilizam o acesso à biodiversidade necessária para produção dos remédios caseiros; e também pelas legislações que criminalizam, desvalorizam e invisibilizam esses ofícios e, conseqüentemente, essas mulheres, em detrimento dos conhecimentos científicos e de profissões acadêmicas. Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, uma Articulação de Raizeiras, Benzedadeiras e Parteiras está sendo constituída para fortalecer as experiências dessas mulheres e para garantir que seus direitos consuetudinários sejam respeitados.

PALAVRAS-CHAVE: medicina tradicional, conhecimento tradicional, plantas medicinais, raizeiras.

INTRODUÇÃO

Os ofícios tradicionais de cuidado com a saúde, que partem do conhecimento tradicional associado ao uso de plantas medicinais, vêm sendo ameaçados pela ganância capitalista que destrói os territórios e por leis que exigem uma validação científica dos saberes e das práticas de cuidado da saúde.

Esses ofícios são praticados majoritariamente por mulheres, que assumem múltiplos trabalhos, desde o cuidado da casa, das/os filhos, de seus quintais e hortas, até a participação em feiras, cursos, redes e espaços de incidência política.

As atividades agrícolas protagonizadas pelas mulheres, em geral, são desvalorizadas e invisibilizadas, pois muitas vezes são trabalhos não monetários, que têm como prioridade a soberania alimentar da família. Da mesma forma acontece com o trabalho das raizeiras com as plantas medicinais, pois este não é validado cientificamente e não tem como foco principal a geração de lucro. Porém, alguns esforços vêm sendo empreendidos para demonstrar que a produção das mulheres é também importante na renda das famílias, através

¹ Trabalho de extensão da Organização Não Governamental REDE de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas junto a parcerias na constituição de uma Articulação da Sociedade Civil.



de uma economia de gastos com alimentação e saúde, além de propiciar uma alimentação mais saudável, diversa e sem uso de agrotóxicos, assim como remédios caseiros seguros e eficazes para o cuidado das famílias e das comunidades.

O ofício tradicional das raizeiras está em processo de registro como patrimônio cultural imaterial no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O ofício de raizeira foi escolhido pelas participantes da Articulação Pacari como representativo da diversidade de identidades sociais, tais como erveiras, mateiras, rezadeiras e benzedadeiras, que expressam o modo de vida das mulheres que trabalham fazendo uso tradicional das plantas medicinais para cuidado da saúde.

A Articulação Pacari é uma rede socioambiental formada por organizações comunitárias que praticam medicina tradicional através do uso sustentável da biodiversidade do Cerrado.

As raizeiras, abarcando as demais identidades sociais, foram caracterizadas como mulheres que conhecem as plantas medicinais e seu correto uso, desde a identificação, passando pela coleta, secagem, armazenamento, produção e indicação de remédios caseiros; elas preservam a biodiversidade e as águas, uma vez que conhecem os ambientes onde as plantas são encontradas e as preservam, pois coletam as plantas de forma a garantir a perpetuação das espécies; outro fator é a solidariedade, pois comercializam seus remédios caseiros a um preço justo ou doam a quem necessita e não pode pagar, assim como fazem benzeções sem cobrar pelo atendimento.

Essas mulheres comumente possuem múltiplas identidades, tais como quilombolas benzedadeiras, agricultoras urbanas raizeiras, etc. Seus saberes e práticas são regidos pela espiritualidade, ancestralidade e solidariedade. Seus conhecimentos tradicionais associados ao uso de plantas medicinais, na maioria das vezes, são transmitidos perpassando gerações por meio da oralidade.

Na agroecologia, a salvaguarda desses conhecimentos tradicionais pode ser potencializada também através da troca e construção coletiva de conhecimentos em encontros, intercâmbios, cursos, feiras e mutirões. As ferramentas pedagógicas para garantia de transmissão desses conhecimentos também podem ser ampliadas através da sistematização de pesquisas populares em materiais de consulta, tais como cartilhas, boletins, revistas e livros, além da produção de vídeos e divulgação de ações e informações na internet.

Em contextos metropolitanos, a realidade das raizeiras, benzedadeiras e parteiras vem se diversificando. Nessas regiões, os contextos urbano e rural estão muito próximos e a possibilidade de trocas e interações entre essas diferentes realidades é uma grande potência. No movimento agroecológico, o debate sobre a conexão entre campo e cidade está sendo desenvolvido, de forma a reconhecer e valorizar essas convergências.

Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, o trabalho com agroecologia e agricultura urbana vêm sendo desenvolvido desde a década de 1990, com destaque para a atuação da REDE de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas na região nordeste de Belo Horizonte. Nessa época, a REDE desenvolvia projetos de melhorias de



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

quintais e também de organização de farmácias caseiras e comunitárias. Dessa atuação, surgiu o embrião da Articulação Pacari, que posteriormente foi constituído e passou a desenvolver sua atuação com as raizeiras do cerrado em Minas Gerais, Goiás, Maranhão e Tocantins.

Posteriormente, nos anos 2000, surgem redes e articulações de agricultura urbana, de agroecologia urbana - termo que tem sido usado recentemente. Destaca-se o surgimento da Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana, a AMAU, em 2004, a partir de uma caravana de experiências agroecológicas realizadas no âmbito do Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional. Desde essa época, são realizados encontros da AMAU, que são itinerantes e têm caráter de intercâmbio, contendo momentos de discussões e debates e momentos de práticas e trocas. Fazem parte da AMAU agricultoras/es urbanas, agricultoras/es familiares; coletivos, associações, ONGs, redes de produção e consumo, Núcleos de Estudos em Agroecologia e movimentos sociais.

Em 2011, aproximadamente, a AMAU passa a atuar também com comissões de trabalho, que desenvolviam ações específicas nas temáticas. Quatro comissões foram criadas na época, a saber: Agrobiodiversidade; Produção, Comercialização e Consumo; Auto-organização de Mulheres; e Plantas Medicinais. Desde essa época, a comissão de plantas medicinais já atuava junto a raizeiras e agricultoras na qualificação das boas práticas de produção de remédios caseiros, além de realizar cursos de plantas medicinais e encontros envolvendo a temática.

Em abril de 2017, foi realizada uma plenária da Articulação Nacional de Agroecologia em Belo Horizonte, que definiu a realização do IV Encontro Nacional de Agroecologia nessa cidade, com a temática Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade. Essa definição explicitou o reconhecimento nacional da importância das conexões entre cidade e campo, incluindo o reconhecimento e a valorização da agricultura urbana, além da importância do fortalecimento dessas convergências e das ações em rede. Com isso, foram realizadas atividades preparatórias para o IV ENA em todo o Brasil.

Pela primeira vez em um ENA foi organizado um Espaço da Saúde onde se reuniram raizeiras, benzedeadas, parteiras, povos e comunidades tradicionais e terapeutas para desenvolver práticas e prestar atendimentos de saúde aos participantes do encontro. O Espaço da Saúde foi nomeado em homenagem a Fernando Luiz Vieira, agricultor urbano raizeiro e benzedeador, companheiro da agricultora urbana raizeira Tatinha, que tem um trabalho de mais de 20 anos com plantas medicinais no Ervanário São Francisco de Assis e fazem parte da AMAU e da Articulação Pacari. Fernando fez sua passagem em 2017, e na ocasião do ENA completava-se um ano de sua partida.

Durante os quatro dias do IV ENA, que reuniu em Belo Horizonte ao menos 2.000 participantes de todo o Brasil, agricultoras/es familiares e agricultoras/es urbanas/os, indígenas, quilombolas, juventudes, estudantes, técnicas/os, estudantes e outras tantas pessoas que vieram de Belo Horizonte e região metropolitana celebrar a



união das lutas e das resistências em torno da agroecologia.

Durante o período preparatório para o IV ENA, surgiram, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, inúmeros encontros de raizeiras e benzedeadas, promovidos por diferentes organizações, em diferentes contextos. Nesses encontros, foram realizadas rodas de conversa, nas quais as raizeiras, benzedeadas e parteiras compartilharam suas experiências com os ofícios tradicionais de cuidado da saúde.

Também foram realizadas produções de remédios caseiros e benzeções ao público do encontro. Todos os encontros tiveram grande e diversa participação, de públicos muito interessados e envolvidos com a temática.

Com a realização desses vários encontros, foi surgindo uma nova articulação de raizeiras, benzedeadas e parteiras da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Esta nova Articulação Metropolitana será o foco do presente estudo, com destaque para a multiplicidade das experiências envolvidas na região e para a pauta política que está sendo construída em torno da temática da medicina tradicional.

METODOLOGIA

A constituição da Articulação de Raizeiras, Benzedeadas e Parteiras da Região Metropolitana de Belo Horizonte se deu ao longo dos encontros que foram realizados em 2018, além do mapeamento social de experiências de medicina tradicional realizado a partir da participação na Comissão de Plantas Medicinais da Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana, e também das experiências acompanhadas pela organização não-governamental REDE de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas.

Aqui serão citados os locais e as metodologias utilizadas nesses encontros de 2018, de maneira a ilustrar a diversidade de experiências metropolitanas e a potencialidade da Articulação que está sendo constituída. Também será dado foco às experiências participantes dessa articulação, de maneira a demonstrar a diversidade de atoras/es e as práticas existentes na Articulação.

O primeiro encontro de 2018 foi realizado em Jaboticatubas, durante a feira Raízes do Campo, da qual participam agricultoras/es familiares, quilombolas, raizeiras e benzedeadas do município. Nessa feira, foi realizada uma roda de conversa de benzedeadas e benzedeados que contaram um pouco como aprenderam a benzer e compartilharam sobre algumas benzeções. Esse encontro de benzedeadas e benzedeados foi organizado pela Associação AMANU e pela Associação de Moradores de Capão Grosso, comunidade rural de Jaboticatubas, e teve outros dois momentos: um almoço que foi servido na sede da Associação de Moradores, e uma visita à comunidade quilombola do Açude, no mesmo município. No quilombo o público do encontro pôde escutar um pouco da história da comunidade, conhecer as experiências das mulheres e também alguns dos espaços da comunidade. A comunidade do Açude é uma comunidade matriarcal, e as mulheres – lideranças – receberam as/os visitantes e contaram um pouco das suas histórias de vida. O público do encontro interagiu com as histórias, trocando experiências e saudando a oportunidade da visita.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

O segundo encontro foi no quintal da Mãe Rita, em Contagem. Esse encontro foi organizado pelo Grupo Kaipora, da Universidade Estadual de Minas Gerais, coordenado pelo professor Emmanuel Almada, também membro da Comissão de Plantas Medicinais da AMAU. O encontro foi divulgado na página do *facebook* do Grupo Kaipora, e teve um número muito grande de curtidas e participantes confirmados para o encontro. Isso gerou uma grande preocupação para os organizadores, pois não havia estrutura física e nem alimentação para um público tão grande. Porém, durante o encontro, tudo correu bem, a quantidade de participantes ficou em torno de 70 pessoas que puderam se acomodar no espaço do quintal. No Encontro, ocorreram expressões dos povos de terreiro durante a apresentação das/os participantes.

No entanto, em um dos depoimentos, ficou explícito o preconceito entre religiões, quando algumas mulheres relataram que já tiveram resistência de algumas pessoas em receber uma reza ou benzeção, devido à religião daquela pessoa que estava para prestar cuidado ao doente. Também nesse encontro, começou a se delinear a constituição da Articulação. Lá estavam presentes algumas pessoas da Comissão de Plantas Medicinais da AMAU, como a Maria Catarina, agricultora urbana raizeira, experiente no trabalho com plantas medicinais e Plantas Alimentícias Não Convencionais, e o raizeiro Paulino, experiente em plantas medicinais e produção de remédios de plantas medicinais. Na parte da manhã, foi realizada a troca de experiências, foi oferecido o almoço para todas/os, e, à tarde, Catarina ministrou uma oficina de produção de pomadas de plantas medicinais.

Ao longo do encontro, estava sendo realizada a divulgação do IV Encontro Nacional de Agroecologia, o chamado se dirigia especialmente para convocação de voluntários no Espaço da Saúde do IV ENA.

Posteriormente, foram realizadas outras rodas de conversa em espaços públicos de Belo Horizonte, tais como a Roda de Conversa no Centro Cultural do Parque Lagoa do Nado e no Centro Cultural Venda Nova. Esta também com grande público participante, e finalizada com uma benzeção coletiva, com cantos e toques de atabaques.

Também houve rodas de conversa nas universidades de Viçosa, Campus Florestal, e na Universidade Federal de Minas Gerais. Todos esses encontros tiveram como foco o compartilhamento de experiências das raizeiras, benzedeadas e parteiras, que, dessa maneira, estão sendo valorizadas e visibilizadas.

No Espaço da Saúde do IV Encontro Nacional de Agroecologia se reuniram, ao longo dos quatro dias do Encontro, aproximadamente 100 voluntários/as, entre raizeiras, benzedeadas, indígenas, e um conjunto muito diverso de terapeutas que prestaram atendimento a mais de 600 pessoas participantes do IV ENA, em uma celebração de respeito e solidariedade, além disso, reuniu uma grande diversidade de saberes, experiências e práticas de cuidado com a saúde. As pessoas atenderam no Espaço da Saúde, inscrições foram feitas na modalidade online, junto à Comissão de Saúde do IV ENA para prestar atendimentos voluntários. Foi uma experiência-piloto no contexto dos Encontros Nacionais de Agroecologia.



Durante o processo preparatório e a realização do IV ENA, foi possível realizar uma reaproximação da REDE com a Articulação Pacari, a partir da mobilização para o Espaço da Saúde e também da organização do Seminário Temático de Saúde Integral e Medicina Tradicional. Nesse contexto, a Articulação Pacari foi convidada a participar da formação dessa Articulação de Raizeiras, Benzedeiras e Parteiras da RMBH, que seria um “braço” da Articulação Pacari na região. Com isso, desde a véspera do IV ENA, iniciou-se um diálogo e esforço de escrita de projetos e captação de recursos para melhor condição de desenvolvimento do trabalho dessa Articulação em torno da medicina tradicional no contexto metropolitano.

Destaca-se a realização de um Encontro de Raizeiras, Benzedeiras e Parteiras da Região Metropolitana de Belo Horizonte, realizado no Centro de Vivência Agroecológico Taquaril, organizado pela REDE de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, em parceria com a Articulação Pacari, Articulação Metropolitana de Belo Horizonte, Ervanário São Francisco de Assis e Grupo Kaipora. Para esse encontro, foram convidadas pessoalmente as pessoas que praticam a medicina tradicional, mapeadas pela REDE, no conjunto das redes, articulações e parcerias da qual ela faz parte, para a constituição da Articulação de Raizeiras, Benzedeiras e Parteiras da RMBH.

Durante o encontro, além de uma roda de conversa sobre a história e a atuação de cada participante e da troca de experiências, as/os participantes puderam conhecer um pouco do trabalho da Articulação Pacari, a partir dos relatos das coordenadoras Jaqueline Evangelista e Lourdes Laureano, e da Tantina, ambas participam da AMAU e da Articulação Pacari desde seu início e é a referência de medicina tradicional dessas articulações na RMBH.

Jaqueline e Lourdinha falaram um pouco da importância da validação tradicional e popular do trabalho das raizeiras, da organização política para luta pela garantia dos direitos consuetudinários, ou seja, do direito de costume de exercer a medicina tradicional e dos instrumentos políticos que foram elaborados coletivamente pelas/os raizeiras/os da Articulação Pacari. Elas falaram da importância de pesquisas populares que validam e sistematizam os conhecimentos tradicionais, como a Farmacopeia Popular do Cerrado, que é o resultado da pesquisa de anos, de 262 raizeiras/os dos estados de Minas Gerais, Goiás, Maranhão e Tocantins, e que gerou uma monografia sobre 9 plantas medicinais do cerrado. A Farmacopeia é um instrumento político reconhecido pela Organização Mundial de Saúde, indicado e estimulado como referência para outros estudos que gerem outras farmacopeias populares.

Também apresentaram o Protocolo Biocultural das Raizeiras do Cerrado, que fala do direito consuetudinário de praticar a medicina tradicional, define o que é ser raizeira para a Articulação Pacari, além de passar pelo conhecimento tradicional associado ao uso de plantas medicinais, pelo respeito ao meio ambiente e também pela solidariedade na prática da medicina tradicional. Assim, Jaque e Lourdinha, como são conhecidas, falaram da importância de políticas públicas que sejam construídas pelas por essas mulheres, de forma que seu conhecimento não precise de validação científica, ou seja, políticas públicas que considerem a razoabilidade



quanto às exigências aplicadas, conforme as diretrizes da RDC 49, do Sistema Nacional de Vigilância Sanitária, na construção de boas práticas de produção de remédios caseiros, e que não exigem formação científica para o exercício da medicina tradicional. Também destacaram que a segurança e a eficácia do uso das plantas medicinais e dos remédios caseiros são garantidas através das boas práticas construídas pelas raizeiras, seus coletivos e redes solidárias, e que a validação se dá por “testemunhos de cura” de seus usuários.

Ao final desse encontro, firmou-se o interesse e o compromisso de se construir agendas de trabalho que permitam a qualificação das práticas das pessoas dessa Articulação, assim como da proposição de formações abertas ao público, como forma de multiplicação e transmissão de conhecimentos, além de geração de renda para estas mulheres, para a própria Articulação e para a viabilização de encontros.

Posteriormente, foram realizados encontros em Morro do Pilar, em que a Dona Maria dos Remédios, raizeira atuante historicamente no município, compartilhou uma série de práticas tradicionais, tais como a limpeza de cera do ouvido, a produção de tinturas, soluções nasais, pomadas e sabonetes. O encontro também contou com a participação das coordenadoras da Articulação Pacari, que junto a REDE tem refletido sobre a mistura de práticas tradicionais e práticas farmacêuticas na produção de algumas preparações, da importância de se resgatar práticas tradicionais e da garantia de autonomia e respaldo legal às comunidades.

Foram realizados três encontros Prosa de Saberes em Saúde, iniciativa de Ana Maria, moradora do bairro União, em Belo Horizonte, que se identifica como aprendiz de raizeira e benzeadeira, que fez uma homenagem as benzeadeiras do bairro União, em encontro no Parque da Matinha, bairro União, e outros dois no Centro Cultural da Nordeste, no Bairro Ipiranga. Ainda no final de 2018, a Articulação teve oportunidade de incidir politicamente em outros encontros, como o Saúde e Agroecologia: Encontro Diálogos e Convergências, realizado pela Fiocruz, Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e Associação Brasileira de Agroecologia (ABA); e o III Encontro dos Povos do Espinheiro, em que a REDE realizou uma Roda de Conversa das Raizeiras, Benzeadeiras e Parteiras.

Neste último, em mobilização na comunidade, soube-se que as benzeadeiras estavam sendo impedidas de continuar suas práticas de benzeção por um padre que dizia que aquela prática “não era coisa de Deus”, além de raizeiros que diziam ter receio de continuar indicando remédios caseiros, devido a médicos que não validam seus conhecimentos e por saber que sua prática pode ser criminalizada. Com essas informações, foi proposta, além da roda de apresentações e troca de experiências, a exibição do vídeo “Benzeadeiras: ofício tradicional”, que mostra o caso de uma cidade no sul do país em que as benzeadeiras se organizaram e a cidade produziu uma carteirinha para cada benzeadeira. Com esse vídeo, foi discutida a importância da organização popular e da luta pelos direitos das benzeadeiras.

Para os próximos encontros está prevista a construção de um plano de trabalho da articulação, que contenha medidas que salvaguarda o conhecimento tradicional das raizeiras, benzeadeiras e parteiras da RMBH, passando por ações de formação, pesquisa popular, constituição/aprimoramento de farmácias caseiras e



farmácias comunitárias, sistematização de conhecimentos e incidência em espaços políticos de debate de saúde e agroecologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação das mulheres em redes e articulações da sociedade civil em torno da agroecologia, agricultura urbana e medicina tradicional colabora para a autoestima, a visibilidade e a valorização de suas atividades e ofícios.

Como efeito dessa mobilização feita em 2018, algumas mulheres tiveram sua identidade fortalecida. Por exemplo, Maria Catarina trabalhou muitos anos em um equipamento público da prefeitura de Contagem, o Centro Municipal de Agricultura Urbana e Familiar (CMAUF), com a produção de plantas medicinais e Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), a partir do conhecimento que tinha desde o aprendizado com suas avós em torno do uso das plantas. Durante esse período, recebeu e atendeu uma grande diversidade de públicos, ministrou cursos e participou de muitos eventos. Porém, não se identificava como raizeira e não entendia que essa identidade pode gerar valorização para seu trabalho. Durante muito tempo, Catarina se reconhecia como agricultura urbana. Foi a partir de 2018 que Catarina passou a se reconhecer também como raizeira.

Em outros casos, algumas mulheres de terreiro afirmam que o termo “benzedeira” é mais bem aceito socialmente do que as identidades do terreiro como “mães de santo”. Sendo assim, elas já vivenciaram ocasiões em que suas práticas são traduzidas como rezas ou benzeções, em detrimento de passes ou outros termos, de forma a facilitar a troca de saberes e experiências.

Ao mesmo tempo, a agroecologia e a medicina tradicional têm possibilitando a união de diferentes frentes de atuação que antes não se encontravam. Por exemplo, também em 2018, foi realizado em Pedro Leopoldo, em uma Casa Espírita, um encontro sobre Agroecologia e Espiritualidade, em que um pai de Santo de terreiro de umbanda foi convidado a participar e dar seu depoimento sobre a relação entre a espiritualidade e a agroecologia. Essa ocasião é uma grande celebração de respeito e de união das diferenças, em um momento político em que se observa crescentes atos de intolerância religiosa.

Ainda há muito o que explorar nas relações e convergências em torno da saúde e da agroecologia, ou da medicina tradicional e da agroecologia, que têm sido pouco discutidas no movimento agroecológico ou nas instituições que têm atuação em torno da saúde ou da medicina. A alimentação é uma primeira convergência em torno das temáticas, uma vez que a agroecologia tem como uma das principais frentes a defesa do direito à alimentação saudável e adequada, e a medicina tradicional tem a alimentação como parte do trabalho, uma vez que a pessoa que tem boa alimentação não adoece facilmente, assim como um solo saudável não é facilmente acometido de pragas e doenças.

Ao longo dos encontros de 2018, com ênfase nas discussões em diversos espaços do IV Encontro



Nacional de Agroecologia, uma outra pauta convergente entre agroecologia e medicina tradicional é a defesa do território, pois é no território que a vida gera e é gerada, ou seja, nos territórios vivem os povos e comunidades tradicionais, que colhem suas plantas para alimentação, rituais e produção de remédios caseiros, e os povos e comunidades tradicionais que mantêm os territórios preservados e biodiversos.

Tampouco tem se discutido as convergências entre medicina tradicional e feminismo, porém é reconhecido o protagonismo das mulheres nas práticas tradicionais de cuidado da saúde e na produção e uso de plantas medicinais para produção de remédios caseiros, rezas e rituais. Já a convergência entre feminismo e agroecologia vem sendo discutida, problematizada e conquistada ao longo dos últimos anos, desde o II Encontro Nacional de Agroecologia, quando surge o lema “Sem feminismo não há agroecologia”.

A contribuição das mulheres em todas as frentes e a luta para que a mulher possa estar no lugar que ela quiser é uma pauta crescente do movimento agroecológico nacional. Sendo assim, é preciso valorizar e dar visibilidade aos trabalhos a que a mulher se dedica, sejam eles produtivos ou reprodutivos, ou seja, sejam elas no âmbito doméstico ou no âmbito externo ao domicílio, é preciso valorizar e dar visibilidade a práticas tradicionais de cuidado da saúde, em torno do uso de plantas medicinais ou outras práticas e cosmovisões. Além de valorizar os trabalhos das mulheres, também é importante a luta pela divisão justa de trabalho entre homens e mulheres e a valorização justa e igualitária dos trabalhos das mulheres.

Nos contextos urbanos e metropolitanos são muitas as possíveis convergências e conexões entre agroecologia e espiritualidade, entre agroecologia e medicina tradicional, ou entre agricultura urbana e plantas medicinais. As mulheres raizeiras, benzedeiras e parteiras, em contextos metropolitanos, têm diversos perfis, e são mulheres jovens, adultas, idosas, são do campo, da cidade, das florestas, das águas, são indígenas, quilombolas, do terreiro, são artistas, agricultoras urbanas, são agricultoras familiares. Nesse contexto, encontra-se aquela senhora idosa, que é da roça, que aprendeu a usar plantas medicinais com sua avó e que reúne de memória um conjunto de receitas e de rezas para cuidar de tantos males, assim como também se encontra outra mulher jovem, que se interessa por agroecologia, que encontrou mestras raizeiras, fez cursos, despertou a sabedoria ancestral das avós que estava guardada, quase esquecida, e passou a fazer cursos, ir na mata coletar plantas, produzir remédios, participar de feiras e ser raizeira. Ou seja, são muitos os perfis de praticantes de ofícios tradicionais de cuidado da saúde.

Porém, ao mesmo tempo, há um melindroso perigo da medicina tradicional ser “engolida” pelas modernas Práticas Integrativas e Complementares, as chamadas PIC’s, que têm uma Política Nacional das Práticas Integrativas e Complementares, e recentemente está iniciando um processo de inclusão no SUS por meio da Portaria GM No 971, de 03 de maio de 2006. A inclusão dessas práticas no SUS é um avanço, mas ainda assim não inclui a medicina tradicional, aquela que surge do saber ancestral e tradicional e que não tem validação científica.



Da mesma forma, a experiência de parteiras pode ser facilmente apropriada pela experiência de enfermeiras obstétricas e doulas, de extrema importância na luta pelo parto humanizado, mas que se distingue da parteira tradicional, pela forma de construção de conhecimento, que não passa por validação científica, e que tem seu trabalho validado pelas próprias mulheres as quais as parteiras tradicionais assistem.

Outra questão que as diferencia, muitas vezes, é que seu ofício não é pautado pelo capital. O trabalho das parteiras tradicionais, assim como das benzedadeiras, não tem preço, o maior preço é a vida, o cuidado das pessoas. Ao mesmo tempo, é importante construir medidas que garantam a sustentabilidade dos seus trabalhos. Essa é uma discussão que ainda precisa ser aprofundada na Articulação das Raizeiras, Benzedadeiras e Parteiras da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Nos encontros, pelo interesse nas plantas medicinais e nas práticas antes chamadas naturais ou alternativas, é comum encontrar pessoas interessadas e que estudam e/ou praticam as PICs, junto as raizeiras, benzedadeiras e parteiras. A troca de conhecimentos é muito rica e construtiva, porém ainda é preciso avançar na compreensão política das diferentes pautas políticas e lutas. Por exemplo, em termos de políticas públicas, a Política Nacional de PICs tem ganhado mais espaço e visibilidade, enquanto a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos (Decreto no 5.813, de 22 de junho de 2006), muito pouco conseguiu avançar nas pautas que dizem pela medicina tradicional. Nesse sentido, destaca-se a diretriz 10 dessa política, que diz do direito tradicional de produzir os remédios caseiros, que são diferentes daqueles fitoterápicos produzidos pela indústria farmacêutica. Essa prática da produção dos remédios caseiros ainda se encontra ameaçada por leis que a criminalizam, tais como o artigo 273 do Código Penal, que considera crime disponibilizar produto terapêutico sem registro no Ministério da Saúde.

Aqui outra questão surge, a do interesse capitalista em detrimento do interesse pela saúde do povo, uma vez que as empresas exploram os territórios, retirando a biodiversidade de plantas medicinais para produção de fitoterápicos e cosméticos, enquanto as comunidades têm suas vidas e seus territórios ameaçados pela destruição dos grandes empreendimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, é preciso reconhecer, valorizar, dar visibilidade e realizar medidas que resguardem os conhecimentos tradicionais associados ao uso de plantas medicinais e dos ofícios tradicionais de cuidado com a saúde. Nesse sentido, é importante atuar em redes e articulações, para a construção de políticas públicas que respeitem o direito consuetudinário de praticar a medicina tradicional.

Em regiões metropolitanas, assim como a prática agrícola é invisibilizada, a medicina tradicional também é pouco reconhecida e validada. Toda essa invisibilização se traduz também na não valorização do trabalho da mulher, que protagoniza esses ofícios, saberes e práticas. Nesse sentido, uma articulação de raizeiras, benzedadeiras e parteiras da Região Metropolitana de Belo Horizonte está sendo constituída, para fortalecer as



experiências existentes e estimular ações de formação, pesquisa popular, sistematização de conhecimentos tradicionais, constituição de farmácias caseiras e farmácias comunitárias, e, com isso, fortalecer e valorizar o trabalho das mulheres que salvaguardam esses conhecimentos tradicionais, saberes e práticas ancestrais.

REFERÊNCIAS

DIAS, Jaqueline Evangelista e LAUREANO, Lourdes Cardozo. **Farmacopeia Popular do Cerrado**. oiás: Articulação Pacari, 2009. Disponível em: [<http://www.pacari.org.br/farmacopeia-popular-do-cerrado/livro-farmacopeia-popular-do-cerrado/>]

DIAS, Jaqueline Evangelista e LAUREANO, Lourdes Cardozo. **Protocolo Comunitário Biocultural das Raizeiras do Cerrado**: Direito consuetudinário de praticar a medicina tradicional. Turmalina: Articulação Pacari, 2014. Disponível em: [http://www.pacari.org.br/wp-content/uploads/2016/03/PROTOCOLO_VERSAO2016_PAGINAdupla.pdf]

FUZARI, Davi e GOMES, Laura Barroso. **Cultivando Saberes**: Experiências Agroecológicas na Região Metropolitana de Belo Horizonte #3 – Ervanário São Francisco de Assis. Disponível em: [<https://www.youtube.com/watch?v=BuTz8nDgRtQ&t=12s>]

MARSHI, Lia. **Benzedeiras**: ofício tradicional. Disponível em: [www.olariacultural.com.br]

SANTOS, Carina e GOMES, Laura Barroso. **Semeando Vida**: Saberes Ancestrais e Práticas Integrativas de Saúde. Disponível em: [<https://vimeo.com/314242001/1bff8c0ffc>]